

Aspectos Sociodialetais do Tocantins: Tabus Linguísticos

Wilnatã Carvalho da Silva¹,
Daniel Marra da Silva²

¹Estudante do Curso de Licenciatura em Letras – IFTO. Bolsista do Programa de Iniciação Científica PIBIC/IFTO. e-mail: wilnata.silva@ifto.edu.br

²Docente do Curso Superior de Licenciatura em Letras – IFTO, Campus Palmas. e-mail: danielmarra@ifto.edu.br

1 INTRODUÇÃO

Este estudo tem como foco a investigação de elementos linguísticos considerados impróprios, ofensivos ou proibidos no contexto sociocultural brasileiro, com ênfase no estado do Tocantins. Parte-se do entendimento de que a linguagem reflete a identidade, a cultura e os valores sociais, sendo que determinados usos linguísticos são censurados ou evitados conforme normas morais e culturais vigentes. O objetivo geral é identificar e analisar os tabus linguísticos presentes no português falado no Tocantins, tomando como base dados do Projeto Atlas Linguístico do Tocantins (Alinto), vinculado ao Instituto Federal do Tocantins.

O conceito de tabu linguístico, aqui adotado, abrange palavras, expressões e temas que provocam desconforto ou são socialmente silenciados, frequentemente substituídos por eufemismos. Paralelamente, discute-se como esses tabus evidenciam transformações sociais e ideológicas ao longo do tempo. Espera-se que a pesquisa contribua para o aprofundamento do conhecimento sobre a presença e a função dos tabus linguísticos no Brasil, em especial em regiões pouco estudadas, como o Tocantins, destacando sua relação com estruturas de poder, identidade social e ideologia, bem como as formas pelas quais a linguagem atua na manutenção ou contestação das normas sociais.

2 OBJETIVOS

Para o desenvolvimento do estudo, elegemos seguintes objetivos:

- (i) Mapear as ocorrências de unidades lexicais consideradas tabus;
- (ii) Identificar a variação regional desses fenômenos no âmbito diatópico, semântico-lexical.
- (iii) Explorar suas motivações culturais, sociais e históricas;
- (iv) Investigar as estratégias linguísticas utilizadas pelos falantes para lidar com temas considerados sensíveis.

3 MATERIAL E MÉTODOS

Esta pesquisa se insere no âmbito do Projeto Atlas Linguístico do Tocantins (Alinto), vinculado ao Instituto Federal do Tocantins, realizada com 54 (cinquenta e quatro) participantes, localizados em 9 (nove) municípios tocantinenses, com o objetivo de descrever e identificar diatópica,

semântico-lexical a realidade socio-dialetológica do Tocantins. Para a pesquisa, foram coletados dados da língua falada em 9 municípios distribuídos nas sete microrregiões, conforme divisão geopolítica, objetivando cobrir, a partir de municípios centralizados em cada uma, grande parte dos municípios, conforme enumerados nos Mapas elencados abaixo: Ponto 1: Araguatins, Ponto 2: Xambioá, Ponto 3: Tocantinópolis, Ponto 4: Araguacema, Ponto 5: Pedro Afonso, Ponto 6: Miracema, Ponto 7: Formoso do Araguaia, Ponto 8: Dianópolis, Ponto 9: Paranã. No projeto que agora propomos, faremos uso dos dados do Acervo gerados por 54 participantes.

Para tanto, adotou-se uma abordagem quantitativa, composta por três etapas: revisão bibliográfica abrangente, reunindo contribuições de autores nacionais e internacionais sobre o estudado; análise dos dados gerados pelo Projeto Alinto; e sistematização dos dados coletados em cartas linguísticas, a fim de identificar e compreender os padrões de uso e censura linguística pelos falantes da região.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

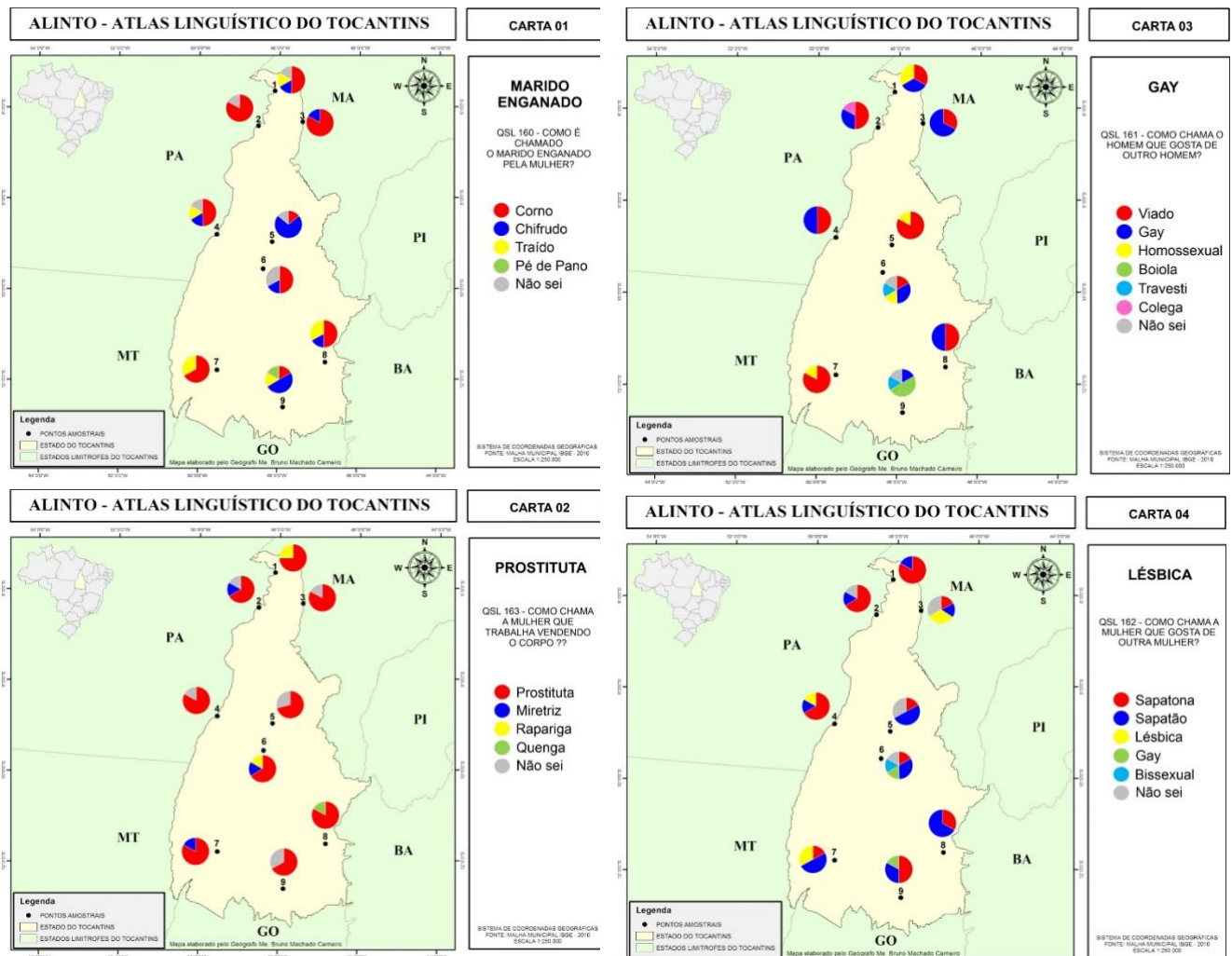
O estudo consistiu na descrição dos dados armazenados em centenas de horas de gravação em áudio e na subsequente construção de cartas linguísticas lexicais, bem como no desenvolvimento de análises sociolinguísticas dos itens lexicais identificados. Os dados analisados demonstraram que variáveis sociais como idade, localização geográfica e sexo dos participantes influenciam de maneira significativa a fala e os aspectos culturais associados ao uso da linguagem. Observou-se que falantes de diferentes faixas etárias recorrem a formas linguísticas distintas, o que evidencia posturas sociolinguísticas distintas. A localidade também se mostrou um fator relevante, refletindo não apenas variações geográficas, mas também diferentes contextos socioculturais que moldam as práticas de fala. Verificou-se ainda que homens e mulheres apresentam, em diversos casos, padrões linguísticos próprios, influenciados por normas sociais e papéis tradicionalmente atribuídos ao sexo/gênero do falante.

Um aspecto que chamou particular atenção durante a análise foi o tratamento linguístico dado a palavras consideradas tabu ou sensíveis socialmente, como as que designam *marido traído*, *prostituta*, *gay* e *lésbica*. Muitos participantes demonstraram desconforto ao pronunciar essas palavras diretamente, optando por eufemismos, expressões indiretas ou até mesmo por evitar a resposta. Essa resistência foi especialmente perceptível em falantes mais velhos e em contextos de maior formalidade nas entrevistas.

Nesse sentido, relativamente à designação para marido traído, identificou-se ocorrências como “corno”, “chifrudo” e “pé de pano”; em referência a prostituta, além dessa designação, houve as ocorrências de rapariga, quenga e meretriz; as designações para gay, incluem, além dessa designação, “viado”, “fuboca”, “homossexual” e “boiola”; às designações paralésbica, acrescenta-se

“sapatão/sapatona” e “gay”. Para todos os casos, houve um número relevante de respostas dadas como “não sei”, o que demonstra o desconforto do participante diante das perguntas realizadas e a dificuldade de verbalizar tais respostas, fato que coloca relevo sobre essa área semântica considerada tabu, oferecendo um campo fértil para a investigação linguística.

Figura 1 – Cartas linguísticas: percentual de ocorrências e localidades de uso das unidades lexicais emergentes.



Fonte: SILVA, 2025.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As diferenças de gênero mostraram-se um elemento central no debate: homens e mulheres, frequentemente, reproduzem padrões linguísticos distintos, moldados por papéis sociais historicamente construídos. Essa constatação reforça a necessidade de analisar a linguagem também sob a perspectiva da equidade de gênero, reconhecendo que o modo como nos expressamos é atravessado por expectativas e normas sociais. Embora esta pesquisa tenha avançado na compreensão do tema, algumas limitações precisam ser reconhecidas. A ampliação do número de participantes e

da diversidade regional poderia enriquecer os resultados, assim como o aprofundamento qualitativo das entrevistas, o que abriria novas possibilidades interpretativas.

Em síntese, o estudo reafirma a relevância de abordar o tabu linguístico como objeto de pesquisa em si, não apenas para mapear formas de uso, mas também para compreender os discursos que moldam o pensamento social. Como encaminhamento, sugere-se o desenvolvimento de investigações futuras que tratem o ensino da linguagem a partir de uma perspectiva crítica, inclusiva e reflexiva, especialmente em contextos educacionais e midiáticos.

6 AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) e ao Instituto Federal do Tocantins (IFTO) pelo fomento e apoio na execução deste projeto, que viabilizou a realização desta pesquisa, bem como pela concessão da bolsa de Iniciação Científica. Estendo também meu agradecimento especial ao professor Daniel Marra da Silva, cuja orientação, dedicação e compromisso acadêmico foram fundamentais em todas as etapas do trabalho. Sua escuta atenta, suas sugestões críticas e sua confiança foram essenciais para o desenvolvimento deste estudo.

REFERÊNCIAS

ALLAN, Keith; BURRIDGE, Kate. **Forbidden Words: Taboo and the Censoring of Language**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

AUSTIN, J. L. **How to Do Things with Words**. Oxford: Clarendon Press, 1962.

BARRETO, Luciana. **A mídia e os tabus linguísticos: mecanismos de manutenção ideológica**. São Paulo: Annablume, 2016.

GUIMARÃES, Rita de Cássia. **Tabus linguísticos e educação: desafios contemporâneos**. Belo Horizonte: UFMG, 2017.

PEREIRA, Eduardo. **Censura e eufemismo na mídia brasileira: um estudo de tabus linguísticos**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2019.